

UMA CEGUEIRA PROFUNDA: A ATH EM ÉSQUILO

MARCO AURÉLIO RODRIGUES

Universidade Estadual Paulista

Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara

(Brasil)

RESUMO

Dentre as definições que o conceito de ἄτη apresenta na tragédia grega clássica, na obra de Ésquilo encontram-se elementos que o aproximam da definição dada por E. R. Dodds em *The greeks and the irrational*, em referência à presença do termo na *Iliada* como um “state of mind”. Este “estado de espírito”, no entanto, delineia-se como uma profunda cegueira do herói, que somente compreende as conseqüências de seus atos após um intenso sofrimento. Nas sete tragédias remanescentes de Ésquilo, é possível encontrar o termo ἄτη intimamente ligado às fatalidades heróicas, quer pelo destino de Xerxes, em *Os Persas*, ou mesmo pela maldição dos irmãos Etéocles e Polinice, em *Os sete contra Tebas*, herdeiros das aflições de Édipo. Dessa forma, o presente trabalho analisa alguns aspectos da presença do conceito de ἄτη em Ésquilo e como essa “cegueira profunda” é o elemento deflagrador dos acontecimentos trágicos.

ABSTRACT

Among the definitions that the concept of ἄτη presents in classical Greek tragedy, in the works of Aeschylus there are elements that approach the

definition given by E. R. Dodds in *The greeks and the irrational*, in reference to the presence of the term in the *Iliad* as a “state of mind”. This “state of mind”, however, is outlined as a profound blindness of the hero, which only understands the consequences of his actions after intense suffering. In the seven remaining tragedies of Aeschylus, we can find the term until intimately linked to heroic fatalities, as the fate of Xerxes in *Persians*, or even by the curse of the brothers Eteocles and Polynices, in *Seven Against Thebes*, heirs of Oedipus’ afflictions. Thus, this paper examines some aspects of the concept of presence of the ἄτη in Aeschylus and how this “deep blindness” is the element triggering of the tragic events.

RESUMEN

Entre las definiciones que el concepto de ἄτη presenta en la tragedia griega clásica, en las obras de Esquilo hay elementos que lo aproximan a la definición dada por E. R. Dodds en *The greeks and the irrational*, en referencia a la presencia del término en la *Ilíada* como un “state of mind”. Este “estado de ánimo”, sin embargo, se perfila como una ceguera profunda del héroe, que sólo entiende las consecuencias de sus acciones después de un intenso sufrimiento. En las siete tragedias conservadas de Esquilo, se puede encontrar el concepto íntimamente vinculado a las muertes heroicas, en el destino de Jerjes en *Los persas*, o en la maldición de los hermanos Etéocles y Polinices, herederos de las aflicciones de Edipo, en *Los siete contra Tebas*. Por lo tanto, esta ponencia examina algunos aspectos del concepto en Esquilo y cómo esta “ceguera profunda” es el elemento desencadenante de los acontecimientos trágicos.

PALAVRAS-CHAVE:

Tragédia-Ἄτη-Ἐσκιλο-Cegueira.

KEYWORDS:

Tragedy-Ἄτη-Aeschylus-Blindness.

PALABRAS CLAVE:

Tragedia-Ἄτη-Esquilo-Ceguera.

Dânao, ao discutir o impasse em que se encontra com suas filhas, as suplicantes, na tragédia homônima de Ἐσκιλο, de 463 a. C., faz a seguinte comparação acerca dos argivos e egípcios:

ἀλλ' ἔστι φήμη τοὺς λύκους κρείσσους κυνῶν
εἶναι: βύβλου δὲ καρπὸς οὐ κρατεῖ στάχυν.
(Ἐσκιλο. *As Suplicantes*, 760-761)¹

“Mas falam que os lobos são mais fortes que os cães.
O fruto do papiro não é mais forte que a espiga de trigo.”²

A referência é clara e compara os filhos de Egito (βύβλου καρπὸς) aos argivos (στάχυν) mas, também, expõe a viés da obra esquiliana, um mundo em que a menor partícula da natureza e do homem estão intimamente ligadas aos deuses, fator crucial para a compreensão das intempéries ou felicidades que se realizam no plano terreno.

O conceito de ἄτη, presente em todas as sete tragédias remanescentes de Ἐσκιλο, é crucial para a compreensão das forças divinas que regem a condição humana e punem os transgressores.

¹ As edições das tragédias de Ἐσκιλο são de Herbert Weir Smyth (1930).

² Traduções de minha lavra.

Não são poucas as definições que o termo ἄτη admite, nos mais variados contextos, ao longo dos anos. Para Saïd (1978: 75-76) existe uma dificuldade em traduzir a palavra que, muitas vezes, está ligada a uma condição de erro mas, também, passa a designar toda sorte de infortúnios. Completa Dawe (1968: 95) que o sentido mais comum de ἄτη é ruína, destruição, desastre, infortúnio. Todavia, a palavra pode admitir, para o autor, um sentido mais restrito, mais especializado.

A aceção de ἄτη dada por Magnien e Lacroix (1969: 258) traz o termo como uma cegueira, uma confusão, uma perturbação que resulta na perda do controle pelo homem. Reitera Chantraine (2009: 3) e acrescenta que o verbo ἄω, que significa “conduzir ao erro”, por contração do nominativo ἄτη, dá origem à palavra ἄτη, vocábulo pouco corrente na prosa ática, porém de grande presença na tragédia, em que significa o erro, a ruína, o dano causado. Na poesia, principalmente Alceu de Mitilene, faz uso da forma ἄτα.

Para Malta (2006: 13) uma definição pertinente, tanto na tragédia como na poesia épica, seria a de perdição, ou seja, o resultado de alguém ter se perdido (no sentido figurado).

Já Moreau (1985: 155) vê o vocábulo ἄτη como sendo extremamente ambíguo. Desse modo, torna-se muito difícil estabelecer a distinção entre a abstração e a abstração personalizada (ou seja, a entidade). De fato, a ἄτη assume, de acordo com o contexto inserido, a função de predadora, que se divide entre caçadora e pescadora de suas presas, as quais prende em suas redes:

[...] ἄτης παναλώτου. (Ésquilo. *Agamêmnon*, 361)

“[...] cegueira, cativa de todos.”

No canto do Coro de Agamêmnon, de 458 a. C., a dimensão que o aspecto divino da ἄτη atinge é tamanha que torna-se a justificativa para que Tróia tenha

sido derrotada pelos gregos. Ao cederem ao presente dos gregos, ou seja, trazerem para dentro das muralhas o grande cavalo, os troianos foram envolvidos nas redes da deusa maléfica e, assim, perderam a guerra.

Essa ambivalência da figura de pescadora e caçadora, que resulta na predadora, é ampliada nas obras de Ésquilo pelos termos com os quais se empregam a função da rede. Entretanto, completa Moreau (1985: 149), o que realmente importa é a ligação que Ésquilo faz do uso de ἄτη com o adjetivo ἀπέρατον (impenetrável), presente, por exemplo, em *Prometeu Acorrentado*, de 452 a. C. Com um uso extremamente restrito e pouco freqüente na tragédia, conclui Moreau (1985: 150) que a presença vale para se compreender que não se foge das redes da Ἄτη, da mesma forma como não se foge do Tártaro. A aproximação ressalta a ligação que há entre o mundo subterrâneo e a Ἄτη, um demônio infernal:

[...] κούκ ἐξαίφνης οὐδὲ λαθραίως
εἰς ἀπέρατον δίκτυον ἄτης
ἐμπλεχθήσεσθ' ὑπ' ἀνοίας.
(Ésquilo. *Prometeu Acorrentado*, 1077-1079)

“[...] E nem de repente, nem às escondidas
na impenetrável rede da cegueira
seria presa por ignorância.”

A presença da metáfora agrícola, ligada ao conceito de ἄτη, aparece em mais de uma tragédia de Ésquilo, fato este explicado pela vida em Atenas até o século V a. C., cuja vida era baseada no plantio de subsistência. Em *Os Persas*, de 472 a. C., mais uma vez Ésquilo apresenta a ἄτη como parte do julgamento dos deuses, dessa vez acrescentando a ela, o conceito de ὕβρις, o excesso cometido pelo homem, desgraçado por conta dos desvios da ἄτη:

ὑβρις γὰρ ἐξανθοῦσ' ἐκάρπωσεν στάχυν
ἄτης, ὅθεν πάγκλαυτον ἐξαμᾶ θέρος.
(Ésquilo. *Os Persas*, 820-822)

“O excesso, de fato, desabrochando, produz a espiga
da cegueira, donde colhe-se o mais sofrível estio.”

Para Moreau (1985: 158), tamanha é a potência do termo e da figuração divina que, para o helenista, “o demônio aconchegante é um demônio maléfico”, ou seja, uma entidade que envolve o homem, prepara o ambiente e faz perceber que é inútil escapar de suas artimanhas. Em *Os Persas*, por exemplo, o termo amistosa (φιλόφρων) qualifica de que forma a Ἄτη recebe o homem em suas redes:

φιλόφρων γὰρ παρασάινει
βροτὸν εἰς ἄρκυας Ἄτα.
(Ésquilo. *Os Persas*, 97-101)

“Pois, a amistosa Ἄτη
bajula o homem para sua rede.”

Homero, na *Iliáda*, introduz a falta de Agamêmnon como “estado de espírito” (*state of mind*), segundo Dodds (1963: 5), um período onde a consciência passa por uma confusão, uma turvação (*clouding*):

“Ó senil, não detalhas minhas falhas com mentira.
Estando confuso, eu mesmo não desdenho.”
(Homero. *Iliáda* IX, 115-116)

A ideia de ἄτη, em Ésquilo, torna-se muito próxima à apresentada por Homero. Entretanto, para Dodds (1963: 38), o termo passa a deixar de significar apenas um estado de espírito, para ser aplicado também aos desastres decorrentes da ação da ἄτη sobre o homem. Saïd (1978: 79) acrescenta que, em Homero, a vítima da ἄτη não compreende como sua forma de agir possa resultar em fatalidades, avultando a ideia de um fenômeno de ordem psíquica que, em Ésquilo, adquire uma extensão muito mais ampla.

Em outras palavras, na tragédia esquiliana, a concepção de ἄτη desenvolve-se como uma profunda cegueira, um estado de demência do homem por uma

ação externa. O vocábulo demência designa uma ausência da capacidade de discernimento e julgamento do homem diante das mais variadas situações, um processo inusual que sugere insensatez.

Sendo assim, algumas passagens das tragédias de Ésquilo corroboram o propósito de uma cegueira profunda que amplia a dimensão do erro cometido. Dessa forma, nas *Coéforas*, de 458 a. C., o Coro de escravas troianas ratifica essa afirmação:

διαλγῆς δ' ἄτα διαφέρει
τὸν αἴτιον παναρκέτας νόσου βρῦειν.
(Ésquilo. *Coéforas*, 68-69)

“[...] mas a brilhante cegueira conduz o culpado
a sobejar o flagelo”

O Coro ressalta o fato de os homens que erram acabarem por terem problemas ainda maiores por conta da cegueira causada pela turvação dos pensamentos coerentes. É nas *Coéforas*, ainda, que o coro justifica o motivo que leva os homens a serem atraídos pela incapacidade de esclarecimento mental provocado pela ἄτη:

ἄλλ' ὑπέρολμον ἄν-
δρὸς φρόνημα τίς λέγει
καὶ γυναικῶν φρεσὶν τλαμόνων καὶ
παντόλμους ἔρωτας
ἄταισι συννόμους βροτῶν;
(Ésquilo. *Coéforas*, 594-598)

“[...] mas quem diria do homem
o pensamento presunçoso
e os descarados amores de
mulheres passionais companheiros
das cegueiras humanas?”

Na passagem, uma característica própria do pensamento grego justifica o motivo pelo qual o homem com frequência depara-se com a presença da ἄτη.

Para os gregos, as mulheres eram tomadas por sentimentos amorosos, uma cegueira deflagradora que, em muitas ocasiões arrastava os homens pelo mesmo derradeiro caminho. Por outro lado, os homens na qualidade daqueles que pensam, grandes articuladores e responsáveis pela organização social e o debate político, estavam sujeitos, da mesma forma, às cegueiras profundas.

Em *Os Persas*, se a ὕβρις é o grande mal cometido por Xerxes, fato este que ocasiona o fim das Guerras Médicas, sua justificativa é a cegueira profunda em que o rei persa se encontrava, ocasionada pela Ἄτη, que o escolheu como forma de punição divina pelas incontáveis investidas sangrentas ao território grego.

Nas *Eumênides*, de 458 a. C., essa questão é reiterada pelo coro que alega ser no embate bélico, causador de inúmeras mortes, que emergem os males da cidade:

μηδὲ πιούσα κόνις
μέλαν αἷμα πολιτᾶν
δι' ὀργάν ποιινᾶς
ἀντιφόνους ἄτας
ἀρπαλίσαι πόλεως.
(Ésquilo. *Eumênides*, 979-983)

"[...] e não pode o pó beber o negro
sangue de cidadãos
e por impulso causar assassinato
por cega vingança
para a destruição da cidade."

Ésquilo viveu intensamente seu tempo. Ao conhecer de perto a guerra e poder também vislumbrar o nascer de um novo período, depositou em suas tragédias o reflexo do homem grego daquele momento: um homem que mesmo tentando traçar seu próprio caminho, não o pode concebê-lo sem ponderar a justa medida que o equilibra com o plano divino. Logo, qualquer que seja o excesso cometido, ele estará sempre diante do julgamento de Zeus que, segundo as suplicantes, é quem dita o destino no mundo e o coloca em uma

cegueira profunda diante do menor deslize que possa acontecer:

ἦμενος ὄν φρόνημά πως
αὐτόθεν ἐξέπραξεν ἔμπας
ἑδράνων ἐφ' ἄγνων.
(Ésquilo. *As Suplicantes*, 101-103)

“[...] Sentado em seu pensamento
do mesmo lugar [Zeus] a todos impõe
de seu trono sagrado.”

BIBLIOGRAFIA

- AESCHYLI. (1972) *Septem quae supersunt tragoedias*, Oxford.
- CHANTRAINE, P. (1965) *Dictionnaire étymologique de la langue grecque*, Paris.
- DAWE, D. (1968) “Some Reflections on Ate and Hamartia”, *HS*: 89-123.
- DODDS, E. R. (1963) *The Greeks and the irrational*, California.
- MALTA, A. (2006) *A selvagem perdição: erro e ruína na Iliada*, São Paulo.
- MAGNIEN, V. y LACROIX, M. (1969) *Dictionnaire Grec-Français*, Paris.
- MOREAU, A. M. (1985) *Eschyle: la violence et le chaos*, Paris.
- SAÏD, S. (1978) *La faute tragique*, Paris.